

CORDEL DO FOGO ENCANTADO: UM ESPETÁCULO DE MÚSICA, TEATRO E POESIA POPULAR NUMA ATMOSFERA CULTURALMENTE NORDESTINA.

AZEVEDO, Ranielli Santos.

ranisazii@hotmail.com

NUNES, Antônia Maria.(Orientadora)

Graduada em Letras, Mestre em Estudos Literários, Prof^o do curso de Letras da
Universidade Tiradentes – UNIT.

nianunes@yahoo.com.br

RESUMO

É um estudo que tem como campo de interesse a Literatura Popular investigando mais especificamente os aspectos teatral e musical dos poemas e canções populares, procurando penetrar na cultura do homem nordestino, no fenômeno teatral através de fundamentos teóricos que dão conta dos diversos aspectos da linguagem e no aspecto musical utilizando teorias referentes aos elementos que constituem o ritmo dos versos produzidos por repentistas, cordelistas e outros poetas populares. Como o interesse por esse estudo surge do contato com o trabalho de um grupo musical do sertão de Pernambuco, a banda Cordel do Fogo Encantado, o artigo ainda apresenta a banda, procurando detectar nas letras-poemas escritas pelo grupo, os aspectos de poesia, música e teatro, essenciais motivos desta análise, que fazem daquilo que deveria ser apenas um show musical, um verdadeiro espetáculo em um palco de atmosfera culturalmente nordestina.

LITERATURA POPULAR: UM ESPETÁCULO DE TEATRO E MÚSICA NUMA ATMOSFERA CULTURALMENTE NORDESTINA.

Muitos são os traços peculiares da literatura popular que têm chamado a atenção de alguns estudiosos e amantes da literatura. Entre esses traços o que causa maior interesse neste trabalho está relacionado à linguagem, seus aspectos teatrais e sua musicalidade.

O texto da literatura popular reflete a linguagem e a cultura do povo nordestino. Obviamente é uma linguagem bastante conservadora em seu conteúdo, possui até mesmo alguns arcaísmos seiscentistas, mas ao mesmo tempo revela uma forte coloquialidade. Esse conservadorismo e apego a tradicionalidade podem ser criticados por muitos, mas não deixará, por esse motivo, de ser uma forte característica da população nordestina.

Para compreendermos os aspectos teatral e musical presentes na Literatura Popular precisamos penetrar no imaginário popular, na cultura do homem nordestino e para penetrar nesse universo é fundamental nos desarmarmos de todos os preconceitos referentes à cultura e nos abrindo a diversidade, procurar compreender as diferenças sociolinguísticas, responsáveis pela forte aproximação da escrita dessa literatura com a oralidade dos falantes nordestinos, e também as diferenças sócio-culturais que produzem os traços mais singulares da literatura popular, , como é o caso dos símbolos, alegorias, do forte imaginário popular e da simplicidade na escrita.

Cultura, cultura popular, literatura, literatura popular. Esses são termos que passam por muitas reflexões e questionamentos ao entrarmos nessa área de estudo. Ter conceitos sobre esses termos é essencial para podermos avançar nas descobertas referentes ao tema e para traçarmos melhor a nossa linha de estudo.

De acordo com o pensamento de José Luiz dos Santos em, “O que é Cultura”, podemos perceber que “cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou

nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade”, ou seja, ela não se resume apenas a música, a literatura ou as artes em geral produzidas pela elite de uma determinada sociedade, é muito mais do que isso, engloba a produção de toda essa sociedade, mas não apenas a produção artística porque cultura também significa “conhecimento, idéias e crenças, maneiras como os sujeitos se relacionam com a vida social”. É dessa forma que se torna possível compreender cultura como algo que faz parte do universo de todos, por isso podemos dizer que as classes mais humildes da população também produzem cultura, a chamada cultura popular e em meio a toda sua riqueza encontramos a literatura popular como forte manifestação artística e cultural.

Dentro da nossa cultura brasileira existe uma série de discursos em defesa de uma literatura puramente erudita ou puramente popular, mas a teoria da aculturação defendida por BOSI, em *Dialética da Colonização*, mostra que o interessante seria “exorcizar os fantasmas elitista e populista, ambos agressivamente ideológicos e fonte de arraigados preconceitos”. O importante é valorizar toda nossa cultura fazendo a partir dessa valorização a mistura necessária para enriquecê-la ainda mais.

A Literatura popular, é como qualquer outro tipo de literatura. Essa foi uma forma artesanal que o homem simples do nordeste encontrou para trabalhar a escrita através da arte, do pensamento e da poesia nos mais variados aspectos da vida humana.

Quando lemos um cordel por exemplo, automaticamente somos transportados para uma atmosfera culturalmente nordestina e acabamos por nos envolver em uma poesia narrativa extremamente popular, cheia de ritmo e teatralidade. Essa narrativa tem o poder de envolver e seduzir a atenção e a curiosidade do leitor ou do ouvinte. Este é o caso da literatura de cordel e de todas aquelas histórias que, com certeza, muitos de nós tivemos algumas vezes a oportunidade de ouvir, histórias reais ou fictícias, contadas por pessoas que possuíam a capacidade de contá-las com traços únicos, realmente artísticos, seja pela forma teatral ou dramática de contar, seja pela

capacidade de saber o momento exato de modificar a tonalidade da voz. Enfim, o mais interessante é que, de fato, esses artistas da oralidade produzem literatura, uma produção oral que acabou adquirindo forma de cordel.

A forma de narrar acontecimentos com uma linguagem popular, com musicalidade e teatralidade, talvez um dos aspectos que mais chame a atenção do leitor/ouvinte auxilia o sertanejo na passagem de costumes, crenças, mitos e ritos de geração a geração. Essa manifestação cultural presente na Literatura Popular é reconhecida por GOTLIB, baseado em PROPP, como uma das fases da evolução do conto, “uma fase religiosa, onde os mais velhos contavam aos mais jovens suas origens para informá-los dos sentidos dos atos a que estavam submetidos”. Essa necessidade de passar as tradições de geração a geração é muito forte no homem nordestino e é uma das mais marcantes características encontradas em meio aos versos do cordel ou dos duelos travados entre repentistas. Esses versos preservam contos, mitos e ritos que são resultado da vivência e sabedoria do povo. É dessa forma que, muitas vezes a literatura popular se torna um instrumento social de transmissão de informações, experiências, mitos e ritos do homem do nordeste.

Este é o caso das manifestações religiosas, dos acontecimentos político e sociais, como também das histórias de assombração, feitiçaria, maldições, milagres, os mistérios da vida após a morte e mais, porque cultura popular segundo a visão de BOSI, ainda em Dialética da Colonização:

“implica modos de viver: o alimento, o vestuário, as relações homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar”. (BOSI, 2002, p.324)

Todos esses aspectos da vida do homem simples nordestino são tratados dentro da literatura popular, por isso ela é também um instrumento social na transmissão de informações e cumpre esse papel através de um rico imaginário popular, repleto de alegorias, símbolos, explicações fantásticas que tentam esclarecer aquilo que está além da compreensão do homem que na maioria das vezes não teve acesso às descobertas da ciência.

É dentro desse contexto que o poeta nordestino vai transmitindo nos seus versos uma leitura de mundo, uma representação poética daquilo que, para ele, seriam possíveis interpretações do real. Isto é o que podemos perceber na análise das estrofes do seguinte cordel:

Era u'a sexta-feira Santa,
Conhecida da Paixão,
Helena disse a mãe dela:
-Quero me virar num cão
Se esta tal de Sexta-Feira
Da Paixão, não é besteira
Da nossa religião.

- "Não diga isso minha filha,
Que é arte do Anti-Cristo
Sexta-Feira da Paixão
Relembra o sangue de Cristo
Que por nós foi derramado!"...
Disse Helena: Isto é gozado...
Tudo é bobagem, está visto.

Esse é um pequeno recorte de um dos cordéis escritos por Rodolfo Coelho Cavalcante, um famoso trovador popular da Bahia. O título do Cordel é "A Moça que Bateu na Mãe e Virou Cachorra". Ele retrata muito bem esse papel da Literatura Popular de ser instrumento na transmissão das tradições do povo nordestino. Retrata a celebração da Sexta-Feira da Paixão, a forma como muitos nordestinos entendem o ato de comer carne neste dia e toda a religiosidade.

"Helena por Deus te peço
Não zombes do Salvador"
-Minha mãe, barriga cheia,
É algo superior...
Tudo isso são bobagens,
Cristo, Padre, Deus, Imagem
Para mim não tem valor.

Na hora que gente nasce
 Chora logo pra comer...
 Eu quero comer “JABÁ”
 Só se eu ouvisse Deus dizer:
 “Helena não coma isto”!
 Eu que não conheço Cristo
 Nunca ouvi nem posso crer.”

Nestas estrofes vemos a presença da fome, uma grande realidade de boa parte da população nordestina, principalmente a população sertaneja que vive em meio às dificuldades da seca, encontramos também os conselhos dos mais velhos para os mais jovens. No caso deste Cordel, por causa da fome, a moça Helena “desrespeita” a Sexta-Feira da Paixão por querer comer Jabá (também chamada de carne seca, ou charque) no dia em que a religião predominante diz que não se deve comer. Quando a mãe vai tentar impedi-la e aconselhá-la a não cometer o tal ato pecaminoso ela resolve bater em sua mãe, aumentando ainda mais a gravidade dos seus atos. É quando a mãe roga-lhe uma praga, a moça vira uma cachorra que vai rondar por todo o nordeste sofrendo a maldição de seu pecado. Através dessa poesia narrativa podemos perceber a forte influência da Igreja na vida do homem simples do nordeste, a influência que ela tem nas decisões, idéias e costumes do povo nordestino e as dificuldades que alguém como a personagem Helena encontra por pensar diferente do senso comum e tentar quebrar a tradição.

Essas histórias povoam o imaginário popular de tal forma que inquietam a imaginação do leitor, capaz de ouvir em sua consciência, a voz da personagem Helena e de sua mãe, construindo com os dados recolhidos da informação que já se possui sobre o sertão nordestino unidos a matéria-prima da fantasia, o ambiente de pobreza, miséria e fome onde viviam as personagens.

O Cordel e todos os outros tipos de poesia popular são a condensação da atividade de representação do imaginário popular. Essa representação poética, segundo MILITZ, baseada na

Poética de Aristóteles que enaltece o valor da arte, é a mímese, uma representação que “fornece possíveis interpretações do real através de ações, pensamentos e palavras, de experiências existenciais imaginárias”. É justamente isso que o poeta cantador realiza, ele se utiliza das palavras, dos versos cheios de oralidade e ritmo para fazer possíveis interpretações sobre a realidade do nordeste. É por isso que esses versos nos transportam à cultura do nordestino e nos fazem construir durante a leitura esse universo popular.

Para Costa Lima, esse conceito de mímese está fortemente relacionado com a situação histórica e sociocultural do receptor do texto. Apesar do criador ter grande importância no processo de construção do poema popular, dando a obra ao menos o mínimo de coerência e organização necessárias à compreensão, “é o receptor que fará o trabalho de suplementação desta obra, é ele que fará construções de imagens, sentidos, novas representações e ligações com o real”. Essas construções que o leitor realiza no momento em que está lendo um cordel por exemplo, é o que produz um forte aspecto teatral. O mesmo acontece quando, a partir da métrica que o trovador utiliza para estruturar os seus versos, o leitor atinge o aspecto musical da obra, conseguindo não apenas ler e identificar as características que produzem esse aspecto, mas também, sentir e interpretar o ritmo da poesia.

A construção de imagens e sentidos que o leitor realiza fortalece ainda mais os aspectos de teatro e música na literatura popular. Somos seres simbólicos, isto é, fazemos leitura de mundo através das palavras, mas também de expressões, gestos, sons musicais, através do olhar, do sentir, enfim, somos seres de linguagem. Santaella nos diz em “O que é Semiótica” que “As coisas, quando nos aparecem, surgem numa miríade de formas, enoveladas numa multiplicação de sensações, além de que tendem a se enredar às malhas das interpretações que inevitavelmente fazemos das coisas.” Esse processo acaba construindo na mente do leitor dos folhetos de cordel um interessante palco teatral, onde a personagem principal é a cultura do nordeste e tudo o que a

compõe. Para construirmos esse palco somos atingidos por influências internas, segundo os estudos de Peirce, influências da nossa consciência e influências externas que atuam sobre nós, as forças sociais, “as condições reais de nossa existência social”.

A Literatura utilizada nos tablados é a literatura dramática. Literatura popular não é literatura dramática, porém, em sua linguagem é possível encontrar grandes possibilidades para a produção de espetáculos teatrais e musicais. Tudo começou com o trabalho que os repentistas produziam e vêm produzindo até hoje. Eles fazem uma espécie de duelo com versos e vão construindo diálogos, geralmente improvisados e sobre qualquer tema proposto, na maioria das vezes o tema é escolhido pelos próprios espectadores. Com as violas e os versos chamam a atenção do público e dessa forma proporcionam o encontro entre repentistas, versos e público, algo muito semelhante à tríade essencial do teatro: o ator, o texto e o público. Essa tríade é apresentada por Magaldi em reflexões sobre os elementos de essencial importância da construção do espetáculo teatral em “Iniciação ao Teatro”.

Atualmente os poetas populares encontram espaço para declamarem sua poesia em feiras livres ou eventos culturais. Eles que, escrevem e declamam os folhetos ou seus pequenos poemas, buscam na oralidade e no ritmo expressar o que de melhor existe em sua poesia, conseguindo através desses pequenos espetáculos, levar os seus espectadores àquela mágica atmosfera da cultura nordestina.

Um grande exemplo que comprova a interessante possibilidade que a linguagem do cordel oferece para a construção de espetáculos é um grupo de forte aspecto musical e teatral, conhecido atualmente como a banda “Cordel do Fogo Encantado”. Essa banda nasceu em Arcoverde, uma cidade localizada às portas do sertão de Pernambuco, estado brasileiro de grande

produção cultural nordestina que tem na capital, Recife, grande abertura e forte valorização da cultura produzida em todo o estado.

A história da banda começa em 1997 quando um grupo teatral composto por três rapazes, Lira Paes, Clayton Barros e Emerson Calado que, desde meninos estavam acostumados a viver entre as rodas de repentistas, cantadores e cordelistas, resolvem lançar em Arcoverde o espetáculo teatral Cordel do Fogo Encantado. Esse espetáculo, uma mistura de declamações de poesia, pequenas histórias, música e canções populares, foi sucesso de público durante dois anos percorrendo todo o interior do estado. Ao chegarem em Recife encontram dois percussionistas, Nego Henrique e Rafa Almeida e resolvem somar ao lirismo das composições poéticas e ao violão raiz à força rítmica e melódica dos tambores de culto-africano. A partir de então a música começa a ficar em primeiro lugar nas apresentações do espetáculo Cordel do Fogo Encantado.

O que possibilitou a formação dessa banda musical foram justamente os aspectos do teatro e da música presentes na literatura popular. Segundo a classificação que os próprios trovadores populares fazem dos seus versos, a literatura de cordel por ser lida ou cantada é muito exigente em relação à métrica. Ocorre nessa classificação a chamada Parcela, que são os versos de quatro sílabas onde a própria palavra não pode ser longa, do contrário, sozinha, ultrapassaria os limites da métrica e como dizem os poetas populares “o verso sairia de pé quebrado”. Existem também as Parcelas de cinco sílabas, cantadas em ritmo acelerado e mais utilizadas pelos repentistas.

Temos hoje as estrofes de quatro versos e sete sílabas, porém o que realmente faz sucesso entre os poetas do gênero são as sextilhas, considerada a modalidade mais rica, obrigatória no início de qualquer combate poético, nas longas narrativas e nos folhetos. Segundo os próprios poetas, podemos encontra-la em cinco estilos diferentes, sempre com seis versos por estrofe obviamente, porém com diferenças na rima. Este é o caso da Sextilha Aberta (rima:

ABCBDD), Fechada (ABABAB), Solta (ABABCC), Corrida (AABCCB) e a Sextilha Desencontrada (ABBAAB). Como exemplo observemos essa sextilha desencontrada de um autor não identificado:

“Meu pai foi homem de bem
Honesto e trabalhador
Nunca negou um favor
Ao semelhante, também
Nunca falou de ninguém
Era um homem de valor”

Já as setilhas, modalidade muito utilizada pelos cordelistas, por ser uma modalidade excelente para ser cantada nas feiras e nas reuniões festivas, oferece grande beleza rítmica às estrofes, facilitando o trabalho do declamador, são estrofes de sete versos de sete sílabas. Vejamos o exemplo:

“Vamos tratar da chegada
Quando Lampião bateu
Um moleque ainda moço
No portão apareceu.
-Quem é você cavalheiro-
-Moleque sou cangaceiro-
Lampião lhe respondeu.”

Podemos também encontrar as Oitavas, estrofes de oito versos de sete sílabas. A diferença entre essas estrofes populares para as clássicas está na disposição das rimas. Temos as Décimas, dez versos de sete sílabas, o Martelo Agalopado, estrofes com dez versos de dez sílabas, o Martelo de seis versos, o Galope à Beira Mar com versos de onze sílabas, mais longos do que os de Martelo e finalmente a Meia Quadra com quatro versos de quinze sílabas e com rimas emparelhadas. Vejamos essa estrofe de Meia Quadra:

“Quando eu disser não é sim você diga sim é não
Quando eu disser veia é sangue você diga sangue é veia
Quando eu disser meia quadra você diga quadra e meia
Quando eu disser quadra e meia você diga meio quadrão.”

A literatura popular tem um caráter de oralidade muito importante. Ela é feita para ser falada, recitada, declamada, cantada e por isso necessita da métrica. Todos esses estilos de métrica citados anteriormente foram classificados pelos próprios poetas populares no site oficial da chamada Academia Brasileira de Literatura de Cordel, no Rio de Janeiro. Graças à métrica, acontece na poesia popular a harmonização dos elementos do poema que vai desencadear no ritmo. Os tipos de verso, a quantidade de sílabas, os tipos de rima, constroem efeitos sonoros que, graças à criatividade do artista produzem novos ritmos compondo assim essa musicalidade característica da poesia popular.

A banda Cordel do Fogo Encantado não é apenas um resgate da literatura de cordel mas sim um jeito novo de se produzir uma mistura de poesia, teatro e música que traduz a figura e a vida do sertanejo sem se paralisar no aspecto regional e utilizando-se deste para alcançar a universalidade da obra. As apresentações da banda surpreendem a todos não somente pela força da mistura sonora ousada de instrumentos percussivos com a harmonia do violão raiz. Eles trazem ao espetáculo à magia do grupo que narra a trajetória do fogo encantado somada à presença cênica de seus integrantes e aos requintes de um projeto de iluminação e cenário.

A letra de uma das músicas de trabalho da banda, “Chover (ou Inovação Para Um Dia Líquido)”, composta por Lira Paes (voz e pandeiro) e Clayton Barros (violão e voz), é um dos grandes exemplos do que significa o trabalho do grupo:

"O sabiá no sertão
Quando canta me comove
Passa três meses cantando
E sem cantar passa nove
Porque tem a obrigação
De só cantar quando chove"

Chover chover
Valei-me Ciço o que posso fazer
Chover chover
Um terço pesado pra chuva descer

Chover chover
 Até Maria deixou de moer
 Chover chover
 Banzo Batista, bagaço e banguê

Chover chover
 Cego Aderaldo peleja pra ver
 Chover chover
 Já que meu olho cansou de chover
 Chover chover
 Até Maria deixou de moer
 Chover chover
 Banzo Batista, bagaço e banguê

”Meu povo não vá simbora
 Pela Itapemirim
 Pois mesmo perto do fim
 Nosso sertão tem melhora
 O céu tá calado agora
 Mais vai dar cada trovão
 De escapulir torrão
 De paredão de tapera”

Seu boiadeiro por aqui choveu
 Seu boiadeiro por aqui choveu
 Choveu que amarrotou
 Foi tanta água que meu boi nadou.

Os trechos dessa música apresentam uma mistura bastante comum no trabalho do Cordel do Fogo Encantado. No show, Lira Paes inicia declamando os versos do poeta Zé Bernardinho que através do canto do sabiá consegue falar sobre o problema da seca de forma leve e poética. Então surge no palco toda a sonoridade da banda cantando o refrão de “Chover”. Esse refrão faz referências a figuras importantes do universo popular nordestino como o “Padinho Ciço” e o “Cego Aderaldo” (este último um famoso personagem da Literatura de Cordel) e mostra também, através do olho que “cansou de chover” e de Maria que “deixou de moer, o sofrimento e a intensidade com que a seca atinge e paralisa o dia-a-dia do sertanejo. Em meio aos batuques da percussão Lira Paes declama e teatraliza os versos do poeta popular João Paraibano, versos que falam sobre as dificuldades da seca mas também falam de esperança “pois mesmo perto do fim/ nosso sertão tem melhora” e com a chegada da chuva, instrumentos e vozes, banda

e público, cantam e celebram, com a velha canção popular do boiadeiro a água que traz de volta a alegria do sertanejo.

A literatura popular como um todo tem realmente forte influência no trabalho do grupo, principalmente no que diz respeito aos aspectos teatral e musical. Em uma nota publicada na revista *Veja* encontramos uma interessante definição para o trabalho do grupo Cordel do Fogo Encantado: “É inacreditável a performance de seu líder, Lirinha, e dos companheiros percussionistas. Estão todos à beira de um transe coletivo. Lirinha canta, ou recita, como se fosse tombar em combate”. É isso que dá as apresentações da banda uma profunda noção de espetáculo, uma música repleta de acentos cênicos a serviço das letras-poemas escritas por Lira Paes e por outros integrantes da banda ou ainda poemas emprestados por nomes da literatura popular como Manoel Chudú, Zé da Luz, Ciço Gomes, João Paraibano e Ivanildo Vilanova, dentre outros.

O primeiro CD que tem o próprio nome da banda, lançado de forma independente é visto pela crítica como um dos mais inventivos trabalhos dos últimos anos. O segundo CD, intitulado como “O Palhaço do Circo Sem Futuro”, apesar de fazer denúncia social deixa transparecer a viva expectativa por dias melhores e rende ao grupo prêmios como banda revelação e melhor grupo no TIM (2003), Qualidade Brasil (2003). A banda aparece no cinema com a trilha sonora do filme de Cacá Diegues, “Deus é Brasileiro”, interpretando a música “Os anjos caídos (Ou a construção do caos)”. Em “Lisbela e o Prisioneiro”, de Guel Arraes, Lira Paes aparece na trilha sonora cantando “O Amor é Filme”. Com violão, batusques, percussão em diversos instrumentos como caixas, zabumbas, gonguês e djambês fazem turnê na Europa e trazem para o Brasil novas idéias de trabalho.

A inspiração do grupo está em temas semelhantes aos temas da literatura popular nordestina como é o caso da seca, da chuva, do misticismo, da guerra de Canudos mas também

do amor, do sofrimento e da alegria. Vejamos um poema popular de título “Ai se sêsse” do poeta popular do início do século XX, Zé da Luz, que vai tratar sobre o amor e que a banda costuma declamar nos seus espetáculos:

Se um dia nois se gostasse
 Se um dia nois se queresse
 Se nois dois se empareasse
 Se juntim nois dois vivesse
 Se juntim nois dois morasse
 Se juntim nois dois drumisse
 Se juntim nois dois morresse
 Se pro céu nois lá subisse
 Mas porém acontecesse
 De São Pedro não abrisse
 A porta do céu e fosse
 Te dizer qualquer tolice
 E se eu ariminasse
 E tu cum eu insistisse
 Pra que eu me aresolvesse
 E a minha faca puxasse
 E o bucho do céu furasse
 Tavés que nois dois ficasse
 Tavés que nois dois caisse
 E o céu furado arriasse
 E as virgi toda fugisse

Este é um poema popular que revela a linguagem do caboclo nordestino, é uma escrita muito próxima da oralidade, fora da norma-padrão da língua portuguesa, escrita por um poeta que teve muito pouco acesso à escola. Esse aspecto oral da poesia permite facilmente que, ao ser declamada revele sua força teatral capaz de falar sobre o amor de forma interessante, poética, com a musicalidade presente através da rima entre os versos, a repetição de palavras como “Se”, “juntim”, “nois” e tantas outras que acentuam ainda mais esse aspecto musical nos versos. Temos também a atmosfera nordestina, as crenças, a idéia que o sertanejo tem sobre a vida após a morte, sobre o céu repleto de virgens que dão a idéia de pureza sobre aquilo que é divino. O poema de certa forma também tenta narrar uma história de amor, inquieta a imaginação do leitor, produzindo signos e imagens como o céu furado, as virgens fugindo desse céu.

No exemplo seguinte encontramos a presença do humor, quando nas apresentações da banda surgem momentos em que a música torna-se pano de fundo para que Lira Paes declame “Procissão ou Jesus no Xadrez” uma narrativa em versos de autor desconhecido porém bastante conhecida entre o povo sertanejo:

Na quinta-feira maior
 Dona Maria das Dores
 no salão paroquial
 Reunia os moradores
 depois de uma pré-eleção
 ao lado do capitão
 Escalava a seleção
 de atrizes e atores

Todo ano era um Jesus,
 um Caífaz e um Pilatos
 Só não mudavam a cruz,
 o verdúguio e os mal-tratos
 O Cristo daquele ano
 foi o Quincas Beija-Flor
 Caífaz foi Cipriano
 Pilatos foi Nicanor

A narrativa em versos conta a história de mais uma das comuns apresentações que retratam a Paixão de Cristo nas cidades interioranas. Revela personagens como Dona Maria das Dores, representando as beatas que são responsáveis pelas procissões, o capitão responsável pela ordem do evento, as atrizes e os atores pessoas comuns do povo que normalmente estão presentes nas missas de domingo ou apenas nos eventos festivos da Igreja. Vejamos um outro pequeno recorte dessa narrativa:

Duas cordas paralelas
 separava a multidão
 Pra que pudessem entre elas
 caminhar a procissão
 Quincas conduzindo a cruz
 Foi e num foi advertia,
 um cinturião perverso
 que com força le batia
 Era pra bater maneiro,
 Bastião não entendia
 Devido um grande pifão
 que tomou naquele dia
 do vinho que o capelão

guardava na sacristia

Cristo dizia: "ô rapaz,
ve se bate devagar,
já to todo encalombado
assim não vou aguentar,
ta com a gota pra duer,
ou tu para de bater
ou a gente vai brigar
jogo ja essa cruz fora,
to ficando aperriado,
vou morrer antes da hora
de ficar crucificado"

Essas estrofes continuam a narrar a procissão, misturando os fatos bíblicos de figuras como Cristo, Caifáz e Pilatos com as atitudes das personagens Bastião, Cipriano, Quincas e Nicanor. Bastião que fazia o papel de um cinturião, por consequência de uma embreaguez, espanca seriamente o Cristo que na realidade era o Quincas Beija-Flor.

Desde que o mundo se fez,
Foi essa a primeira vez
Que Jesus foi pro xadrez
Mas não foi crucificado

Essa última estrofe do poema mostra que Quincas Beija-Flor, o Cristo da procissão não suporta os maus-tratos, produz grande confusão em meio ao espetáculo e acaba sendo preso, o que explica o título do poema, "Procissão ou Jesus no Xadrez". O público se diverte com o espetáculo e com o jeito diferente, caboclo nordestino de brincar, de narrar a história, cheia de diálogos e de uma oralidade que dão o aspecto teatral do poema, a rima também é presente neste poema produzindo a musicalidade. A ironia se utiliza apenas daquilo que faz parte da cultura do nordestino, de suas crenças, de sua forma de viver e interpretar a vida. Obviamente que ao analisarmos os poemas escritos por Lira Paes vamos encontrar uma escrita e uma preocupação diferente em relação à estrutura. Nas letras escritas por Lirinha as rimas já não são motivos de tanta preocupação, a escrita procura se adequar a norma-padrão da língua portuguesa (exceto quando se deseja causar efeitos mais próximos da linguagem tradicional dos sertanejos), existem

muitos versos livres e o olhar do eu-poético já não é tão inocente quanto o olhar dos antigos caboclos nordestinos. Algumas letras já incluem referências a poemas de escritores como João Cabral de Melo Neto e a presença da crítica social é muito forte. Em relação a essa crítica social e a visão de mundo do grupo sobre os problemas que a humanidade atravessa, vejamos o caso da letra da música composta por Lirinha, intitulada como “O Palhaço do Circo Sem Futuro”:

Sou palhaço do circo sem futuro
Um sorriso pintado a noite inteira
O cinema do fogo
Numa tarde embalada de poeira

Circo pegando fogo

Palhaçada

E a lona rasgada no alto
No globo os artistas da morte
E essa tragédia que é viver
E essa tragédia
Tanto amor que fere e cansa.

O que podemos perceber é que as letras-poemas escritas por Lira Paes se distanciam da estrutura comum da literatura popular no que diz respeito à escrita por exemplo. A temática, apesar de agora estar sendo tratada de forma um pouco mais forte, mais ousada e menos ingênua, continua sendo muito semelhante. A influência da cultura erudita nos versos da Cordel do Fogo Encantado é facilmente detectada pelo leitor. Definitivamente, muito embora faça várias referências aos mais tradicionais poetas da literatura popular, não é mais a escrita do homem simples, sem muito acesso aos estudos, do nordeste brasileiro, porém, não deixa por esse motivo de continuar refletindo a cultura do povo nordestino. Talvez se encaixe mais na filosofia do Movimento Armorial do dramaturgo nordestino Ariano Suassuna que como ele mesmo explica “é a criação de uma arte brasileira erudita baseada na raiz popular de nossa cultura”. Mas isso seria

assunto que renderia um outro artigo científico. O que realmente precisa estar claro nesse trabalho é que, a produção dos nossos repentistas, cordelistas e poetas populares tem ganhado novas expressão e roupagem, mas os aspectos teatral e musical presentes desde as origens na literatura oral, não desapareceram, pelo contrário, adquiriram importância e força ainda maiores.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. Brasiliense, 13º edição, coleção primeiros passos.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. Companhia das letras, 4º edição, 2002, São Paulo.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. Ática, 5º edição, 1989, São Paulo.

GOTLIB, Nádia Bartella. **Teoria do conto**. Ática, série princípios, São Paulo.

LOPES, Ribamar. **Literatura de cordel antologia**. Banco do Nordeste do Brasil, 1983, Fortaleza.

LUYTEN, Joseph. **O que é literatura popular**. Brasiliense, 2º edição, 1984, São Paulo.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. Ática, 6º edição, 1997, São Paulo.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é lingüística**. Brasiliense, 13º edição, coleção primeiros passos, 2003, São Paulo.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. Brasiliense, 3º edição, 1986, São Paulo.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Brasiliense, 13º edição, 1995, São Paulo.

< <http://www.ablc.com.br/metricasdocordel>

<<http://www.cordelofogoencantado.com.br/historia>

<<http://www.cordelofogoencantado.com.br/namidia>